José das Candeias Sales

A MOEDA COMO MEIO DE PROPAGANDA

O caso paradigmático do Egipto Ptolomaico

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

FICHA TÉCNICA

TITULO
A MOEDA COMO MEIO DE PROPAGANDA. O CASO PARADIGMÁTICO DO EGIPTO PTOLOMAICO

AUTORES
JOSÉ DAS CANDEIAS SALES

EDITOR
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

EDIÇÃO
DIANA SARAIVA DE CARVALHO

ISBN
978-972-623-326-8

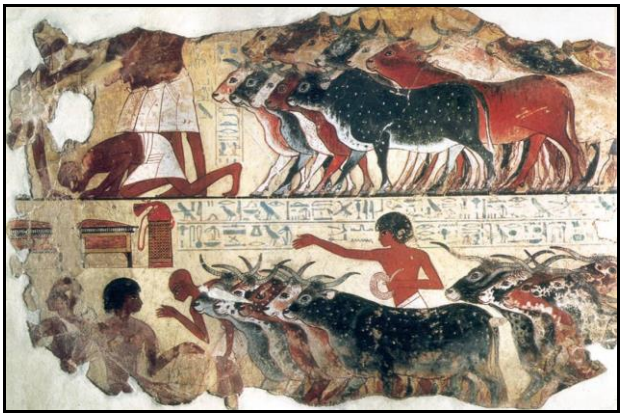
ORGANIZAÇÃO

Academia das Ciências de Lisboa
R. Academia das Ciências, 19
1249-122 LISBOA
Telefone: 213219730
Correio Eletrónico: geral@acad-ciencias.pt
Internet: www.acad-ciencias.pt
Copyright © Academia das Ciências de Lisboa (ACL), 2017
Proibida a reprodução, no todo ou em parte, por qualquer meio, sem autorização do Editor

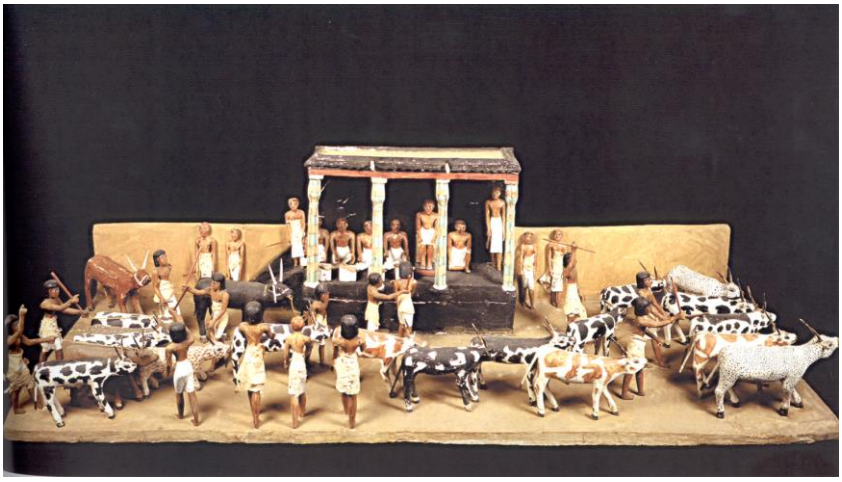
A MOEDA COMO MEIO DE PROPAGANDA
O caso paradigmático do Egipto Ptolomaico

José das Candeias Sales
(Universidade Aberta; CHUL)

Quando procuramos elementos sobre a economia egípcia da época faraónica clássica nas inúmeras representações artísticas a duas dimensões (pinturas, estelas e baixos-relevos) ou a três dimensões (maquetas, esculturas, estátuas) que nos chegaram do antigo Egipto torna-se evidente que esta assentava essencialmente na agricultura e na criação de gado (**Figs. 1-4**). Em consequência, percebemos que a maior parte do sistema de trocas egípcio era regulado com trocas em espécimes, nomeadamente de produtos dos campos, e que o próprio sistema fiscal (tributos e impostos) era pago, em regra, com produtos agrícolas (troca directa).



Figs. 1 e 2. A base da economia egípcia da época faraónica: a agricultura e a criação de gado.
(Fig. 1: Túmulo de Menna (TT 69). XVIII Dinastia. Cheikh Abd el-Gurna;
Fig. 2: Túmulo de Nebamon (TT 65). XVIII Dinastia. British Museum.)



Figs. 3 e 4. A base da economia egípcia da época faraónica: a agricultura e a criação de gado.
(Fig. 3: Maqueta de um celeiro. Madeira engessada e pintada. Túmulo de Meketré (TT 280). XI Dinastia.
Fig. 4: Maqueta da contagem do gado. Madeira engessada e pintada. Túmulo de Meketré (TT 280). XI Dinastia.)

Sabemos que embora não existisse moeda nos tempos clássicos da antiga história egípcia, o sistema económico egípcio incorporou sempre um padrão monetário de referência. No Império Antigo (*grosso modo*, 2700-2200 a.C.) eram os lingotes de ouro, chamados *chaty*, equivalentes a 7,5 gramas de ouro. O valor dos produtos era calculado em *chatis* e os produtos trocavam-se através do sistema de troca indirecta imperfeita ou troca indirecta natural que, não obstante, teve pouca aceitação popular.

A partir da XVIII dinastia (1552-1305 a.C.), no período designado por Império Novo, surgiu um outro modo de intercâmbio de base metálica, o chamado *deben*, unidade de valor e de conto que equivalia a 91 gramas de metal (ouro, prata, cobre), subdividindo-se em 10 *kite.* Coexistem, assim, troca directa perfeita (troca de produtos por produtos) com troca indirecta imperfeita (através do padrão monetário). A utilização do metal como meio de troca no Império Novo não incidiu, todavia, de forma significativa na economia do país, sendo que, por exemplo, os tributos estrangeiros ou as trocas económicas internas eram feitas sobretudo em géneros.

Historicamente, foi na viragem do séc. IV a.C., com a denominada Época Ptolomaica ou Lágida, que o Egipto alterou de forma decisiva e definitiva a sua economia, passando o regime monetário a vigorar para a maior parte das transacções económicas. Sob a forte influência helénica, o país abriu-se definitivamente à economia urbana e à economia monetária.

É conhecido e reconhecido o papel desempenhado para o efeito pela cidade de Alexandria, que sob o impulso dos seus dois portos marítimos (Porto Eunostos e Grande Porto) abriu o Egipto ao «mercado universal», onde a mobilidade geográfica dos indivíduos, o extraordinário desenvolvimento urbano e a multiplicação de centros de consumo passam agora a ser a tónica dominante (**Fig. 5**). O Egipto deixa, assim, de estar confinado à economia natural no quadro de uma economia doméstica.

Fig. 5. A antiga cidade de Alexandria: o principal pólo dinamizador da economia urbana e monetária da Época Ptolomaica.

Conhecer os contornos principais da abundante circulação monetária que então se viveu constitui, por isso, um excelente exercício de reflexão histórica, não só pelo conhecimento concreto que consigna das condições de vida da Época Ptolomaica como, sobretudo, pelo estabelecimento e funcionamento de determinadas condições e características que, *mutatis mutandis*, acabarão, depois, por marcar outras épocas e outras cunhagens monetárias.

O nosso objectivo não é analisar os aspectos técnico-económico-financeiros essenciais que caracterizam os processos de emissão monetária dos Ptolomeus, ou seja, os aspectos técnicos existentes a montante da circulação monetária propriamente dita (extracção mineira, feitura dos cunhos, operações de cunhagem…) ou as várias denominações e equivalências das moedas usadas (dracmas, hemidracmas, didracmas, tridracmas, tetradracmas, pentadracmas, octodracmas, duplos octodracmas, decadracmas e dodecadracmas) ou os diferentes metais, pesos e medidas que tiveram e usaram (ouro: estáter; prata: tetradracmas; bronze: óbolos; peso ático: 17,20 g; peso ptolomaico: 14,25 g; dracmas e talentos sendo que 1 talento = 6000 dracmas) ou as variações e diferenças das cunhagens ao longo dos vários reinados da dinastia ptolomaica.

Se não nos interessam aqui os aspectos que definem tradicionalmente a moeda como meio de troca, como medida de valor ou como fonte de riqueza, em contrapartida a nossa atenção elege

outros aspectos mais duráveis e, por isso, bem definidores das séries monetárias. Estamos a falar, no fundo, da dimensão ideológico-mental patente e promovida pela moeda, qual índice de prestígio, de propaganda e de ideologia real ptolomaica.

Não podemos escamotear que a moeda lágida inscreve-se, simultaneamente, na história política, financeira, artística, mitológica e ideológica e que o seu valor excede, pois, em muito, o mero plano dos comportamentos económicos essenciais.

Através dos tipos e das inscrições das emissões monetárias ptolomaicas, podemos determinar a imagem que os reis da dinastia lágida procuraram construir e projectar do seu poder e da sua soberania; avaliar até que ponto a moeda, com os seus símbolos e emblemas, foi um meio de comunicação e de propaganda político-ideológica usado pelos Ptolomeus, desde o séc. IV até ao séc. I a.C.; apurar, no fundo, a importância da moeda como *medium* político-institucional.

Cunhagem monetária no Egipto: motivações e características

Objectivamente, as emissões ptolomaicas não foram as primeiras a ser produzidas no Egipto. De facto, foi o faraó Khenemmaetré Hakor (393-380 a.C.), em grego Acoris, da XXIX dinastia, o primeiro soberano do Egipto a emitir moeda, em estreita imitação do tipo ateniense (tetradracma com coruja, *Athene noctua*), com o objectivo de pagar o soldo (em moedas de prata e de bronze) aos mercenários e renegados gregos contratados para lutar do lado egípcio contra os ataques do exército persa de Artaxerxes II — **Fig. 6**.

Fig. 6. Tetradracma de prata. Estreita imitação do tipo ateniense.
Anverso: cabeça da deusa Atena. Reverso: coruja de Atena com ramo e folhas de oliveira;
Inscrição ΑΦΕ (Athe) = Atenas.

De igual modo, o segundo faraó da XXX dinastia sebenítica, Irmaetenré Setepenanhur Djedhor (362-360 a.C.), em grego Takhos ou Taôs, depois de requisitar todo o metal precioso e extorquir quase todas as rendas dos templos egípcios, cunhou também moeda (cópia das moedas atenienses, com a cabeça de Atena com elmo no anverso e a coruja com ramos e folhas de oliveira no reverso) substituindo a inscrição abreviada ΑΘΕ (Athe), abreviação de «nomisma tôn ATHEnaiôn», «moeda ateniense», referência directa à capital da Ática, Atenas, pelo seu próprio nome: ΤΑΩΣ (Taôs).

Também Senedjemibré Setepenanhur Nakhthorheb (360-343 a.C.), em grego Nectanebo II, o último rei da XXX dinastia e último faraó autóctone, neto e sucessor de Djedhor/Takhos, pagou o salário aos mercenários gregos com estateres de ouro (cavalo selvagem galopando ou inclinando-se

nas patas traseiras, em estilo grego, no anverso, e dois símbolos hieroglíficos acoplados, *nefer nub*, *nfr nwb*, significando «bom ouro»/«ouro puro», no reverso) — **Fig. 7**.

Fig. 7. c. 361-350 a.C., estáter, c. 8,18 g.
Anverso: cavalo selvagem em galope. Reverso: signos hieroglíficos (*nefer nub*), «bom ouro»/«ouro puro».

De circulação extremamente limitada, estas emissões de imitação de Hakor, Djedhor e Nakhthorheb foram motivadas por razões excepcionais, a saber, a defesa do país. Em nenhum destes casos, referentes ao antigo período faraónico, nos aproximamos, portanto, da cunhagem sistemática e do uso generalizado da moeda dos Ptolomeus. Não estamos ainda perante uma economia monetária.

Em todo este período, a posição político-militar egípcia era muito delicada e sem as divisões helénicas (espartanas e atenienses) teria sido impossível resistir aos ataques e ofensivas persas. Para pagar a estas tropas de elite gregas, fortemente encorajadas pelo partido anti-persa, foi, então, preciso cunhar moeda. Em directa relação com o emprego de mercenários gregos, a moeda desempenha, assim, o seu papel na guerra, servindo para remunerar o soldado, ao mesmo tempo que lhe inspira, por interesse, um respeito por aquele que lhe paga e, em resultado, o comanda. O plano económico-financeiro impõe-se claramente à dimensão ideológica.

Quanto aos tipos escolhidos para os anversos e reversos, estes são, basicamente, de carácter religioso: divindades pan-helénicas reconhecidas pelos seus animais sagrados e atributos específicos, demonstrando uma atitude de reverência para com um passado mitológico comum.

Depois, já sob o Segundo Domínio Persa (343-332 a.C.), que exigia um tributo anual de 120.000 medidas de trigo e uma soma de 700 talentos de prata, o Egipto conheceu a importância da prata e do seu valor, mas limitava-se a converter os cereais em metal precioso através da sua venda. Restringia-se, portanto, apenas, à recolha da quantia necessária para enviar para Susa. Tratava-se de uma cunhagem de complemento e de substituição.

Artaxerxes III (343-338 a.C.) cunhou, em Mênfis, tetradracmas de prata, também copiados do modelo ateniense: cabeça da deusa Atena (anverso) e coruja de Atenas (reverso), com inscrição demótica com o nome do rei (*Faraó Artaxerxes*). A utilização do demótico, extraordinariamente raro neste tipo de suporte, atesta o uso local desta cunhagem de Artaxerxes III — **Fig. 8**.

Fig. 8. Artaxerxes III, c. 343 a.C., tetradracma, 15,41 g.
Reverso: Coruja e ramo de oliveira com inscrição demótica mencionando «o faraó Artaxerxes».

Os sátrapas egípcios de Dario III Codomano (336-332 a.C.), Sabakés e, depois, Mazakés, cunharam igualmente cópias de tetradracmas atenienses, neles inscrevendo os seus nomes em aramaico (*Savaka* e *Mazdaka*) — **Fig. 9**. Estamos, todavia, ainda, num estádio de cunhagem e uso esporádicos da moeda no Egipto.

Fig. 9. Sátrapa persa Mazakés, 333-332 a.C., tetradracma, c. 16,5-17 g.
Anverso: cabeça da deusa Atena de perfil.
Reverso: pequeno ramo de oliveira e coruja com corpo de perfil e cabeça de frente.

Será com Alexandre Magno, a partir de 331 a.C., que a difusão da moeda conhece uma aceleração suplementar decisiva: com a abertura e controlo dos tesouros reais aqueménidas de Susa (50.000 talentos), de Persépolis (mais de 120.000 talentos) ― 1 talento correspondia a 27 Kg de metal ―, de Ecbatana e de Babilónia. Uma parte substancial destas riquezas aqueménidas foi posta em rápida circulação como moeda cunhada e em barra.

A cunhagem monetária de Alexandre foi abundante e regular, substituindo em vários locais as séries autónomas; foi uma cunhagem imperial em todos os sentidos, expressão das novas realidades políticas estruturais, diferente de tudo o que o mundo grego conhecera até então (primeira produção em massa), talvez só com a excepção dos tetradracmas atenienses da época de Péricles, embora do ponto de vista artístico com uma qualidade limitada, inferior.

São inúmeros os símbolos e monogramas no reverso das moedas de Alexandre. Fixos só a legenda no reverso (ΑΛΕΘΑΝΔΡΟΥ, «de Alexandre») e, no anverso, o retrato de Alexandre (com elmo ou com a pele do leão de Héracles). É, todavia, necessário, distinguir as cunhagens *de* Alexandre das cunhagens *em nome de* Alexandre que continuaram muito tempo depois da sua morte, designadamente sob a direcção dos seus generais. Os «alexandres» ou «alexandrinos» foram, de facto, a grande moeda do mundo mediterrânico durante todo o séc. III a.C. e ainda no início do séc. II a.C. — **Figs. 10 e 11**.

Figs. 10 e 11. Os «Alexandres»:
a grande moeda do mundo mediterrânico durante todo o séc. III a.C. e início do séc. II a.C.

Com os Ptolomeus assiste-se depois a cunhagens de moedas de ouro, prata e bronze, postas em circulação por todo o espaço imperial sob sua dominação. Tal só foi possível, desde logo, devido às minas de ouro da Núbia, o tradicional «país do ouro» para os Egípcios, que permitiam aos reis da nova dinastia deter uma invejável posição no contexto internacional da Época Helenística. Só por isso puderam basear a sua cunhagem no ouro. As suas cunhagens de ouro foram, com efeito, as mais abundantes e as mais sumptuosas do mundo helenístico (pelo menos até ao séc. II a.C.). Não significa isso, todavia, que os Ptolomeus não tivessem realizado emissões monetárias noutros metais. Para isso contaram igualmente com as minas de prata e de cobre de Chipre e da Síria-Fenícia.

As principais unidades utilizadas foram o estáter de ouro, o tetradracma de prata e o óbolo de bronze. A moeda padrão foi o tetradracma de prata que equivalia, como o próprio nome indica, a 4 dracmas, ou seja, 24 óbolos. Além destes, havia ainda os hemidracmas, os didracmas, os tridracmas, os pentadracmas, os octodracmas, os duplos octodracmas e os decadracmas.

O sistema monetário instituído pelos Ptolomeus visava controlar eficazmente a massa monetária no Egipto e estabelecer um efectivo imperialismo monetário e comercial. Para o efeito, interditaram a circulação de outra moeda além da que cunhavam e impunham a obrigatoriedade do câmbio para toda e qualquer outra moeda trazida do estrangeiro. Estas medidas permitiram-lhes, simultaneamente, jogar com o valor da relação ouro/prata das moedas e introduzir nas transacções locais um elemento fiduciário, uma vez que impuseram também o uso de um padrão ligeiro para as moedas de prata e de bronze. O uso do ouro estava reservado para as transacções mais importantes.

Ao contrário de todos os outros reinos helenísticos, o Egipto dos Ptolomeus não adoptou o peso ático dos 17,20 gr. por tetradracma de prata, preferindo uma moeda mais «ligeira». Ptolomeu I Sóter I, o fundador da dinastia, cunhou inicialmente seguindo o peso de cerca de 14,25 gr. de prata. Tratou-se de um movimento deliberado de afastamento do Egipto do resto do mundo helenístico,

com o objectivo de construir uma autarcia económica. Ptolomeu III Evérgeta I acabaria, porém, por adoptar o peso *standard* da Ática, após cerca de 60 anos de distinta prática.

A decisão político-financeira de Ptolomeu I foi notável: ao dar à sua moeda um peso inferior, não só consumou a ruptura em relação a outras moedas, como implementou um novo e elaborado sistema, claramente em proveito do Estado. A diferença entre o padrão ático (17,20 gr.) e o padrão ptolomaico (14,25 gr.) era de 2,95 gr. por tetradracma, ou seja, menos 17,15 % de quantidade de metal por cada moeda ptolomaica. Enquanto noutros reinos se cunhavam cinco moedas, o Estado ptolomaico, com o mesmo metal, cunhava seis. Ao mesmo tempo, ao serem obrigados a cambiar em território lágida as suas moedas (de peso superior) por tetradracmas ptolomaicos mais leves, os mercadores estrangeiros ampliavam com a operação de câmbio o benefício régio.

No entanto, para que os mercadores estrangeiros estivessem dispostos a esta imposição das taxas lágidas, e não se desviassem do Egipto, era preciso garantir que os preços no Egipto fossem menos elevados do que noutras paragens, ou, dito de outra forma, que se pudesse comprar com tetradracmas de Ptolomeu I o que compraria com «alexandres» de outros lugares.

A garantia de manutenção de preços atraentes no mercado internacional para os vários comerciantes estrangeiros podia ser assegurada pelo monarca lágida porque detinha uma série de monopólios, e porque era o principal exportador do Egipto. Era, portanto, o próprio rei que fixava aseu bel-prazer o poder de aquisição de cada moeda, que supervisionava e controlava os preços de compra à produção indígena e os preços de venda nos circuitos internacionais e que demonstrava o seu poder absoluto sobre a moeda e a sua efectiva força como garante das relações económicas estabelecidas e mantidas com o Egipto.

O sistema apresentava, porém, uma ameaça constante: o aumento do afluxo de mercadores estrangeiros à procura dos mais variados produtos, a preços competitivos, nomeadamente em Alexandria (trigo, papiro, marfim, perfumes, têxteis, objectos de arte, etc.), obrigava o rei a cunhar grandes quantidades de moeda para responder às necessidades dos escritórios de cambistas. Uma vez colocadas em circulação no país, essas moedas favoreciam o consumo e, por consequência, a subida de preços, o mesmo é dizer, a inflação.

O estudo das emissões monetárias dos soberanos lágidas, desde o reinado de Ptolomeu I Sóter I, mostra que, para obviar a este aumento desproporcionado de circulação fiduciária, os Ptolomeus tomaram duas medidas: por um lado, controlaram severamente a sua produção de moeda em metal precioso para que nunca ultrapassasse o estritamente necessário; por outro, a partir do final do séc. III a.C., cunharam moedas de ouro e de prata, em número limitado e restritas a uma minoria da população, e de bronze para o resto da população egípcia. As moedas de ouro eram normalmente entesouradas; não circulavam. As de prata eram o meio normal nas trocas internacionais, enquanto as de bronze eram usadas para as necessidades do quotidiano, tendo por isso uma área de circulação muito limitada, interna. O valor nominal de uma moeda de bronze suplantava de longe o seu valor fiduciário (cada vez mais débil). Assim, o rei monopolista comprava os produtos a um preço vantajoso aos produtores locais (camponeses e artesãos), a quem pagava em moedas de bronze, vendendo depois ao estrangeiro em moedas de prata.

Concomitantemente com esta dimensão económico-financeira das emissões monetárias, os Ptolomeus foram dotando as imagens e inscrições das suas moedas de um valor propagandístico tendente a alicerçar a própria instituição real lágida nos quadros institucionais do Mediterrâneo oriental. É, sobretudo, esse o registo, como dizíamos, que nos interessa. Apuremos, pois, agora, os traços mais característicos desta dimensão simbólico-ideológica das suas emissões.

Dimensão simbólico-ideológica das emissões ptolomaicas

Com o estabelecimento dos grandes reinos helenísticos no período subsequente à morte de Alexandre Magno, verifica-se um importante desenvolvimento na tipologia monetária que irá alterar radicalmente as cunhagens e marcar a própria ideologia a elas associada: a criação do retrato real. A introdução do retrato, como novo elemento da tipologia monetária, deve-se, talvez, a Alexandre Magno, ou mesmo, eventualmente, a Filipe II da Macedónia, mas o seu imenso desenvolvimento ocorre sob as dinastias dos diádocos.

Os retratos reais destas moedas são autênticas obras-de-arte da arte helenística, traçando com apurado detalhe pormenores fisionómicos dos grandes personagens (masculinos e femininos) da época. O realismo destas representações é de tal forma considerável que constituem os primeiros testemunhos observáveis dignos de credibilidade de figuras históricas do mundo antigo. As séries mais importantes de moedas foram produzidas justamente pelos Ptolomeus do Egipto.

Nas moedas dos Ptolomeus há uma canónica distribuição dos tipos de figuras: o anverso destina-se prioritariamente às efígies dos soberanos, com atributos da realeza ou da sua divinização (sempre virados à direita); o reverso reserva-se para outros símbolos e assimilações (por exemplo, nome real, títulos e divindades protectoras), em regra voltados à esquerda. Ambas as faces podem conter inscrições (em vários campos), sempre em língua grega, ela própria símbolo de uma identidade. A *koiné dialektos* constituiu um símbolo identificador da civilização helenística.

As séries de Ptolomeu I

Foi Ptolomeu I Sóter, o sucessor de Alexandre Magno, quem verdadeiramente organizou o sistema monetário, designadamente com o estabelecimento de casas da moeda (cuja estrutura definitiva caberia a seu filho, Ptolomeu II Filadelfo). Alexandria, em 326 a.C., foi a primeira das casas de moeda a ser criada, tendo emitindo moedas de ouro, prata e bronze, designadamente as conhecidas emissões de tetradracmas de Alexandre. As exigências e necessidades de emissão ptolomaicas levariam depois ao aproveitamento ou criação de casas da moeda um pouco por todo o Mediterrâneo Oriental: na Fenícia (Berytos, Tiro, Sídon, Ptolemais), na Palestina (Joppa, Ascalon, Gaza), em Chipre (Pafos, Amathus, Kition, Salamina) e na Cirenaica (Ptolemais, Cirene).

Fig. 12. Mapa das Casas da Moeda na Época Lágida.

As emissões de Ptolomeu I conheceram vários momentos: desde logo, começou por cunhar moedas de ouro e prata com os mesmos tipos usados sob Alexandre Magno. No anverso figurava Alexandre Magno como Héracles, com a *anastole* (pele) do leão — sugerindo coragem e valentia. Héracles, o filho de Zeus e Alcmena, era o mais famoso herói da Antiguidade e o antepassado heróico da dinastia Argéada. A sua força, coragem e fantásticas façanhas foram objecto de inúmeras histórias e poemas em todo o mundo antigo. A pele de leão com que indirectamente é figurado refere-se ao leão de Nemeia que estrangulara com as suas próprias mãos. Os anversos proclamavam Alexandre como o «novo Héracles». No reverso, surge o deus Zeus, entronizado, com barba e em tronco nu, voltado à esquerda, com o ceptro na mão esquerda e a águia pousada na mão direita, com a legenda ΑΛΕΞΑΝΔΡΟΥ, «de Alexandre» — **Fig. 13**.

Fig. 13. Sátrapa Ptolomeu. Tetradracma, c. 17,19 g.
Anverso: Alexandre Magno representado com a *anastole* (pele) de leão;
Reverso: Zeus, entronizado, com barba e em tronco nu, voltado à esquerda,
com o ceptro na mão esquerda e a águia pousada na mão direita.

Depois, a partir de 312-311 a.C., as cunhagens sob a autoridade de Ptolomeu I, passam a mostrar nos anversos Alexandre Magno, voltado à direita, coroado com o escalfe de um elefante, tromba, orelhas e presas (as *exuviae elephantis*), em comemoração das suas conquistas orientais, nomeadamente na região do rio Hidaspes, onde defrontou e venceu o rajá hindu Poro, cujas tropas eram, como diz Arriano, «compostas por um bom número de elefantes» (Arriano, V, 10, 1). Nos reversos, por seu turno, continua a ser figurado o deus Zeus e surge também, voltada à direita, adeusa Atena Alkidemos, deusa macedónica da guerra, divindade tutelar de Pella (o berço das dinastias alexandrinas), com *chiton*, elmo, lança e escudo redondo, em pose de ataque, acompanhada por uma pequena águia, com a legenda ΑΛΕΞΑΝΔΡΕΙΟΝ ΠΤΟΛΕΜΑΙΟΥ, «alexandrino (moeda) de Ptolomeu», ou ΑΛΕΞΑΝΔΡΕΙΟΝ, «alexandrino» — **Figs. 14 e 15**.

Fig. 14. Sátrapa Ptolomeu. Tetradracma, c. 16,39 g.
Anv.: Alexandre Magno usando as *exuviae elephantis*;
Rev.: Zeus entronizado à esquerda, com águia pousada na mão direita e segurando ceptro com a esquerda.

Fig. 15. Sátrapa Ptolomeu. Tetradracma, c. 15,57 g.
Anverso: similar ao anterior. Reverso: Atena Alkidemos em pose de ataque.

Nestas moedas com a representação e o nome do defunto Alexandre vêem-se atributos simples tomados a Dioniso, a Amon (corno ondulado de carneiro), a Héracles (pele do leão de Nemeia) e a Zeus (a águia) ou compósitos (como sejam, numa mesma representação, o escalpe de um elefante e o corno de carneiro). O sátrapa Ptolomeu procurava ideologicamente estabelecer uma ligação directa com o próprio general macedónico, reverenciá-lo através de retratos deificados e preparar, por assim dizer, a assunção completa da *basileia* em território egípcio, reclamando uma «ascendência» significativa e justificativa da sua herança. Ptolomeu reconhece a autoridade de Alexandre Magno e apresenta-se como seu sucessor.

A partir de 305 a.C., quer dizer, a partir do momento em que toma o título de *basileus*, a cunhagem monetária do fundador da dinastia lágida muda significativamente: passa a representar-se a si próprio nas moedas de ouro, de prata e de bronze (um dos primeiros reis vivos — senão o primeiro — a ser retratado em moedas) e inscreve-lhes o seu nome. O retrato de Ptolomeu I patente nesses numismas é altamente individualizado e realista: testa alta, poderosas maçãs do rosto, olhos afundados nas arcadas supraciliares, nariz adunco, boca cerrada, queixo proeminente, pescoço musculado. Não é, de todo, uma figura agradável ou bela, à maneira grega clássica, mas denota uma enorme expressividade e energia. O arranjo do cabelo, com o diadema emblemático da sua dignidade, lembra, porém, retratos de Alexandre Magno. A propaganda desempenha também aqui o

seu papel, procurando os seus desígnios. A legenda do anverso auxilia e reforça a ideologia: ΠΤΟΛΕΜΑΙΟΥ ΒΑΣΙΛΕΩΣ, «do Rei Ptolomeu» — F**ig. 16**.

A inscrição do nome do soberano nos reversos das moedas é a assunção afirmativa da sua independência e o reforço da sua importância política e ideológica, não obstante continuar a reservar o reverso para símbolos «alexandrinos» (carro de guerra puxado por elefantes ou figura de Alexandre) — **Fig. 16**. De um lado, os *regalia*. Do outro, o respeito por Alexandre.

Fig. 16. Ptolomeu I Sóter I, 305-283 a.C., estáter, 7,09 g.
Anverso: retrato de Ptolomeu I. Reverso: Alexandre em carro de guerra puxado por elefantes;
Legenda ΠΤΟΛΕΜΑΙΟΥ ΒΑΣΙΛΕΩΣ, «do rei Ptolomeu».

Muitas moedas apresentam, contudo, no reverso, um novo tipo: uma águia pousada sobre um feixe de raios: trata-se da ave de Zeus, colocada sobre a arma do grande deus. Ptolomeu I é, assim, o primeiro dos Lágidas a incluir a águia de Zeus nas emissões monetárias como sua divisa pessoal, proclamando dessa forma a outorga do poder directamente pelo senhor do Olimpo. Tal tipo seria depois estandartizado pelos seus sucessores e tornou-se num signo da própria realeza lágida.

Com o passar do tempo, ao tornar-se um motivo recorrente na numismática lágida, a ave do deus Zeus acabou por se constituir num símbolo do próprio Egipto, mesmo após o desaparecimento da dinastia ptolomaica. É o clímax do funcionamento do símbolo, quando se confunde integralmente com a própria coisa que representa. Se a isto acrescentarmos a própria égide no pescoço de Ptolomeu I, ela própria usada por Zeus (e Atena), vemos o primeiro dos Ptolomeus como um rei divinizado — **Fig. 17**.

Fig. 17. Ptolomeu I Sóter I, 305-283 a.C., pentadracma de ouro, 17,85 g.
Anverso: cabeça diademada de Ptolomeu I; Reverso: águia de asas fechadas pousada sobre um feixe de raios.
Inscrição: ΠΤΟΛΕΜΑΙΟΥ ΒΑΣΙΛΕΩΣ, «do rei Ptolomeu».

Os dois grandes momentos das emissões monetárias sob a autoridade de Ptolomeu têm um enorme significado ideológico-político e documentam, no fundo, o desenvolvimento das crescentes ambições do novo senhor do Egipto e o seu efectivo progresso de sátrapa a *basileus*, rei residente no Egipto.

O modelo instituído foi duradouro, pois, até Cleópatra VII, todos os seus sucessores imitaram, ou seja, representarem-se nos anversos das moedas, com diademas e outros emblemas e nos reversos, com a imagem da águia-real. São inúmeros os casos documentados. Citemos apenas a título de exemplo:

— Reinado de Ptolomeu IV Filopator (reverso: águia sobre raios e inscrições ΠΤΟΛΕΜΑΙΟΥ ΦΙΛΟΠΑΤΟΡΟΣ, «de Ptolomeu Filopator», ou ΠΤΟΛΕΜΑΙΟΥ ΒΑΣΙΛΕΩΣ, «do rei Ptolomeu») — **Fig. 18**;

— Reinado de Ptolomeu V Epifânio (reverso: águia sobre raios e inscrições ΠΤΟΛΕΜΑΙΟΥ ΕΠΙΦΑΝΟΥΣ, «de Ptolomeu Epifânio», ou ΠΤΟΛΕΜΑΙΟΥ ΒΑΣΙΛΕΩΣ, «do rei Ptolomeu») — **Fig. 19**;

— Reinado de Cleópatra VII (reverso: águia sobre raios ou, por vezes, dupla cornucópia, com a legenda ΚΛΕΟΠΑΤΡΑΣ ΒΑΣΙΛΙΣΣΗΣ, «da Rainha Cleópatra») — **Fig. 20**.

Fig. 18. Moeda cunhada por Ptolomeu IV Filopator, 221-205 a.C., tetradracma
Anverso: Busto de Ptolomeu IV com diadema e égide;
Reverso: águia voltada à esq. e legenda ΠΤΟΛΕΜΑΙΟΥ ΒΑΣΙΛΕΩΣ.

Fig. 19. Moeda cunhada por Ptolomeu V Epifânio, 205-180 a.C., tetradracma, 13,77 g
Anverso: Busto de Ptolomeu V com diadema e égide;
Reverso: águia voltada à esq. e legenda ΠΤΟΛΕΜΑΙΟΥ ΒΑΣΙΛΕΩΣ.

Fig. 20. Moeda cunhada por Cleópatra VII, 51-30 a.C., dracma, c. 18,40 g.
Anverso: Busto de Cleópatra VII;
Reverso: águia com cornucópia e marca de valor (80) e inscrição ΚΛΕΟΠΑΤΡΑΣ ΒΑΣΙΛΙΣΣΗΣ.

As imagens dos soberanos lágidas nas moedas incorporam paulatinamente outros atributos da soberania helenística como sejam o diadema sacralizante (*taenia*) com que os soberanos ornavam a cabeça (estreita faixa branca de lã atada atrás, junto do osso occipital, com as duas pontas pendentes) e a égide, curto manto, geralmente consistindo numa pele de cabra rematada com ornamentos de serpentes (aspecto escamoso), evocando os deuses Zeus e Atena, que também o usavam, ou Apolo que, ocasionalmente, também com ele é figurado.

Embora ao nosso simples olhar se trate de um simples manto curto, era o seu significado simbólico que justificava a sua integração no retrato real. De facto, segundo Homero, a égide era imune ao raio devido à matéria incorruptível usada por Hefesto na sua preparação. Uma outra explicação relacionava-a directamente com a pele da cabra que servira de ama a Zeus, a cabra Amalteia. Depois da morte desta, Zeus usaria a pele como armadura invencível na luta contra os Gigantes. A égide de Atena, espécie de capa curta ou cota, talvez igualmente em pele de cabra, atingia os cotovelos e estendia-se até meio da perna, sendo decorada com uma franja de serpentes e a cabeça de Medusa ao centro, quanto vista de frente. O imaginário fixou, pois, um valor de invencibilidade e invulnerabilidade para a égide e é nesse sentido que ela se torna um símbolo da realeza helenística, em geral, e do poder ptolomaico, em particular.

Ptolomeu I como protótipo das emissões ptolomaicas

Paralelamente à cunhagem de moedas com os retratos dos reis reinantes no anverso e águia sobre raios com inscrições no reverso, surge a prática de reproduzir o rosto de Ptolomeu I no anverso, como reconhecimento pelo relevante papel político desempenhado pelo fundador da dinastia. Praticamente até ao final da dinastia, ou seja, cobrindo um período de cerca de 300 anos (305-31 a.C.), abundam realmente estas moedas de ouro e de prata que figuram o rosto do fundador da dinastia no anverso com ligeiras variações de estilo (algumas já sem alguns dos traços do carácter individualizado passado). Nos reversos dessas moedas mantém-se a águia de Zeus sobre um feixe de raios.

Esta longa tradição derivava do principal objectivo subjacente à vertente ideológica das cunhagens que era expressar a continuidade dinástica, o mesmo é dizer, a legitimidade da realeza lágida. Só assim se percebe e justifica que tivessem cunhado moeda com a efígie do fundador da dinastia no anverso e a(s) águia(s) de Zeus sobre raios no reverso praticamente todos os reis lágidas:

Ptolomeu II Filadelfo, Ptolomeu III Evérgeta I, Ptolomeu IV Filopator, Ptolomeu V Epifânio, Ptolomeu VI Filometor, Ptolomeu VIII Evérgeta I, Ptolomeu IX Sóter II, Ptolomeu X Alexandre I, Ptolomeu XII Neos Dionisos e Cleópatra VII — **Figs 21-27**.

Fig. 21. Moeda cunhada por Ptolomeu II Filadelfo, 285-246 a.C., pentadracma, c. 17,83 g.

Fig. 22. Moeda cunhada por Ptolomeu III Evérgeta I, 246-21a.C., tetradracma, 14,24 g.

Fig. 23. Moeda cunhada por Ptolomeu IV Filopator, 221-205 a.C., tetradracma, 14,14 g.

Fig. 24. Moeda cunhada por Ptolomeu V Epifânio, 204-180 a.C., tetradracma, c. 14,21 g.

Fig. 25. Moeda cunhada por Ptolomeu VI Filometor, 180-145 a.C., tetradracma, 13,53 g.

Fig. 26. Moeda cunhada por Ptolomeu VIII Evérgeta II, 170-163/145-116 a.C., tetradracma, 14,13 g.

Fig. 27. Moeda cunhada por Ptolomeu IX Sóter II, 116-107/88-80 a.C., tetradracma, 14,04 g.

Fig. 28. Moeda cunhada por Ptolomeu X Alexandre I, 107-88 a.C., tetradracma, 13,65 g.

Fig. 29. Moeda cunhada por Ptolomeu XII Neos Dionisos, 55-51 a.C., tetradracma, 12,95 g.

Fig. 30. Moeda cunhada por Cleópatra VII 51-30 a.C., tetradracma, 13,80 g.

Figs. 21-30. O rosto de Ptolomeu I no anverso das emissões ptolomaicas:
o reconhecimento do relevante papel político desempenhado pelo fundador da dinastia.

Tal como Ptolomeu I Sóter I fizera em relação a Alexandre Magno, assim os seus sucessores fizeram em relação a si. A sua deliberadamente monótona cunhagem de moedas póstumas com a sua efígie no anverso era, simultaneamente, uma forma de o honrar e de reafirmar uma continuidade legítima no trono do Egipto.

Se as moedas cunhadas pelo próprio Ptolomeu I apresentam um retrato rude, duro, feio, isto é, uma fisionomia realisticamente retratada (um homem na casa dos 60 anos), as moedas cunhadas pelos seus sucessores com a sua efígie mostram um tipo idealizado: jovem, forte e valente. Ideologicamente procura-se um arquétipo significativo (neste caso, embelezado e vigoroso) para a dinastia lágida. Esta «invenção» revela ainda mais a matriz propagandística e ideológica subjacente a este tipo de emissões.

O fundador da dinastia procurou no repertório simbólico disponível (exclusivamente helénico) os emblemas que melhor lhe pudessem fornecer uma «divina ratificação» que tornasse aceite e bem-sucedida a sua liderança. Os seus descendentes, já filhos de reis, procuraram dar continuidade ao poder conquistado e legitimar a sua descendência, comunicando-a sempre de forma repetida (monótona) e até ao fim da dinastia através do tipo de anverso em honra de Ptolomeu I. Em ambos os casos se procuravam afinidades com gloriosas personagens e características do passado.

Conclusão

O uso generalizado da moeda no Egipto é, como salientámos, uma novidade trazida pelos novos ocupantes greco-macedónicos (com Ptolomeu I Sóter I). A bibliografia especializada mostra claramente que a difusão da economia monetária foi a maior novidade trazida pelos Ptolomeus ao Egipto, com as suas correlativas aquisições, a montante e a jusante, a saber, o banco público (τράπεζα), os banqueiros (*trapezistas*), os arrendamentos, pagamentos e recebimentos em dinheiro, os câmbios, a aceitação e guarda de depósitos e valores, o crédito, os empréstimos, as taxas, os juros, o uso de cheques, os reembolsos, as hipotecas.

A cunhagem dos Lágidas teve uma importância histórica considerável como primeira cunhagem regular jamais feita no Egipto na Antiguidade e foi um elemento extraordinário no estabelecimento e desenvolvimento de relações mentais, sociais e ideológicas. Os soberanos lágidas fizeram dela um dos instrumentos essenciais da sua política de afirmação da soberania, poder, riqueza e prestígio da dinastia.

De facto, pelos tipos, símbolos, inscrições e metal que usaram, as peças monetárias ptolomaicas identificam e «falam-nos» do poder que as emitiu. As moedas veiculam ostensivamente os emblemas do rei, o seu retrato, o seu nome e proclamam, assim, a sua soberania.

Os reis ptolomaicos usaram o retrato nas suas emissões para, consoante os casos, enfatizar a legitimidade, a continuidade do seu exercício do poder e a continuidade da própria dinastia. A cunhagem monetária é, por isso, o primeiro momento de expressão de uma autonomia, de uma concepção e prática de poder, que, depois, se traduz em toda a mensagem emblemática adoptada.

As convenções do retrato real ptolomaico, quer na tradição idealizada baseada nos retratos de Alexandre Magno, com a pele do leão de Héracles ou com as presas de elefante, quer no hábito de representar Ptolomeu I, quer na adopção de figuras divinas helénicas (Zeus, Atena) foram adaptadas pela propaganda às necessidades das conjunturas específicas de cada época.

A forma como são tratadas as efígies reais e divinas, os símbolos seleccionados do vasto repertório mental-ideológico disponível e a nomenclatura-legendagem utilizada são efectivamente signos falantes da afirmação e identificação da soberania ptolomaica.

A presença (ou desaparecimento) de determinados tipos iconográficos em detrimento de outros testemunha, por isso, uma programação pensada e estruturada, determinada por razões económicas, políticas, sociais, ideológicas e artísticas.

Neste sentido, a moeda ptolomaica foi um elemento propagandístico que, no limite dos seus objectivos, deu prestígio e poder ao monarca egípcio: não só elogiava a sua autoridade como tornava a pessoa real permanentemente presente, viva, visível. Daí que fosse um instrumento de propaganda eficientíssimo, talvez mesmo o mais eficaz de todos, pelo menos a julgar pelo número de eventuais destinatários envolvidos.

(Texto-base da comunicação apresentada no
Instituto de Estudos Académicos para Seniores, no ciclo de conferências
A moeda conta a história*, a 7 de março de 2017)*

BIBLIOGRAFIA

Austin, M. M., *The Hellenistic world from Alexander to the roman conquest. A selection of ancient sources in translation*, Cambridge, Cambridge University Press, 1981.

Bagnall, Roger S.; Derow, Peter, *Greek historical documents: The Hellenistic Period*, California, Scholars Press for The Society of Biblical Literature, 1981.

Bellinger, Alfred Raymond, *Essays on the coinage of Alexander the Great*, New York, American Numismatic Society, 1963.

Bernand, André, *Leçon de civilisation*, Paris, Fayard, 1994.

Bertrand, Jean-Marie, *L'hellénisme. 323-31 av. J.-C. Rois, cités et peuples*, Paris, Armand Colin, 1992.

Bingen, Jean; Bagnal, Roger S., *Hellenistic Egypt: monarchy, society, economy, culture*, California, University of California Press, 2007.

Cabanes, Pierre, *Le monde hellénistique. De la mort d'Alexandre à la paix d'Apamée (323-188)*, Paris, Éditions du Seuil, 1995.

Cadell, Hélène; Le Rider, Georges, *Prix du blé et numéraire dans l'Egypte lagide de 305 à 173*, Bruxelles, Fondation Égyptologique Reine Élisabeth, 1997.

Callataÿ F. de, «La date des premiers tétradracmes de poids attique émis par Alexandre» in *RBN 128*, pp. 5-25.

Carradice, I., *Ancient Greek Portrait Coins*, London, British Museum Publications, 1978.

Carradice, I.; Price, M., *Coinage in the Greek World*, London, Seaby, 1988.

Chassinat, Émile, «Une monnaie d'or à légendes hiéroglyphiques trouvée en Égypte» in *BIFAO 1*, 1901, pp. 78-86.

_____, «Les trouvailles de monnaies égyptiennes à légendes hiéroglyphiques» in *Recueil de travaux relatifs a la philologie et a l'archéologie égyptiennes et assyriennes, Tome 40*, Paris, Librairie Édouard Champion, Éditeur, 1923, pp. 131-157.

Curtis, J. W. «Coinage of pharaonic Egypt» in *JEA 43*, London, The Egyptian Exploration Society, 1957, pp. 71-76.

Davesne, Alain, «L'atelier monétaire d'Alexandrie au IIIe siècle av. J.-C.» in Jean-Yves Empereur (ed.), *Commerce et artisanat dans l'Alexandrie hellénistique et romaine. Actes du colloque d'Athènes. 11-12 decembre 1988*, Athènes, École française d'Athènes, 1998, pp. 429-442.

Davis, Norman; Kraay, Colin M., *The Hellenistic kingdoms. Portraits, coins and history*, Londres, Thames and Hudson, 1973.

Errington. Robert Malcolm *A History of the Hellenistic World: 323 - 30 BC*, Oxford, Blackwell Pub. Ltd., 2008.

Erskine, Andrew (dir.*), Le Monde Hellénistique. Espaces, sociétés, cultures – 323-31 av. J.-C.*, Rennes, Presses Universitaires de Rennes, 2004.

Fleischer, Robert, «Hellenistic royal iconography on coins» in Per Bilde, Troels Engberg-Pedersen, Lise Hannestad, Jan Zahle (eds.), *Aspects of hellenistic kingship*, Studies in Hellenistic Civilization VII, Aarhus, Aarhus University Press, 1996, pp. 28-40.

Franke, Peter R.; Hirmer, Max, *La monnaie grecque*, Paris, Flammarion, 1996.

Freeman, Charles, *Egypt, Greece and Rome. Civilizations of the Ancient Mediterranean*, Oxford, Oxford University Press, 1996.

Gitler, Haim; Lorber, Catharine C., «Small Silver Coins of Ptolemy I» in *Israel Numismatic Journal* 14 (2001-2002), pp. 34-42.

_____, «A New Chronology for the Ptolemaic Coins of Judah» in *American Journal of Numismatics, Second Serie, 18*, 2006, pp. 1-41.

Glotz, Gustave, *História económica da Grécia. Desde o período homérico até à conquista romana*, Lisboa, Edições Cosmos, 1973.

Grant, Michael, *From Alexander to Cleopatra. The Hellenistic World*, London, Weidenfeld & Nicolson, 1982.

Green, Peter, *D'Alexandre à Actium. Du partage de l'empire au triomphe de Rome*, Paris, Robert Lafont, 1997.

Grimal, Nicolas, *Histoire de l'Egypte ancienne*, Paris, Payot, 1988.

Hazzard, R. A., *Ptolemaic coins. An introduction for collectors*, Toronto, Kirk & Bentley, 1995.

_____, *Imagination of a monarchy: studies in Ptolemaic propaganda*, Toronto, University of Toronto Press, 2000.

Hölbl, Günther, *A history of the Ptolemaic empire*, London/ New York, Routledge, 2001.

Howgego, Christopher, *Ancient History from coins*, London/ New York, Routledge, 1995.

Husson, Geneviève; Valibelle, Dominique, *L'état et les institutions en Égypte. Des premiers pharaons aux empereurs romains*, Paris, Armand Colin, 1992.

Jenkins, G. K., *Ancient Greek Coins*, London, Seaby, 1990.

Jones, John Melville, *A Dictionary of Ancient Greek Coins*, London, Seaby, 1986.

Knapp, Robert, "Greek mercenaries, coinage and ideology," *Eulimene* 3 (2002), pp. 183-196.

Kraay, Colin M., *Archaic and Classical Greek Coins*, Berkeley/ Los Angeles, 1976.

Laffaille, Maurice, *Choix de monnaies grecques en bronze*, Genève, Rod S. A., 1982.

Laronde, André, «Mercenaires grecs en Egypte à l'Époque Saïte et à l'Époque Perse» in *Entre Egypte et Grèce. Actes du colloque du 6-9 octobre 1994*, Paris, Académie des Inscriptions et Belles-Lettres, 1995, pp. 29-36.

Le Rider, Georges, *Chaire d'histoire économique et monétaire de l'Orient hellénistique. Leçon inaugurale*, Paris, Collège de France, 1994.

Le Rider, Georges, *Alexander the Great: coinage, finances, and policy*, Philadelphia, American Philosophical Society, 2001.

Lichocka, Barbara, «Un ensemble de monnaies découvert à Kôm el-Dikka (Alexandria)» in *Alessandria e il mondo ellenistico-romano. Studi in onore di Achille Adriani*, Roma, «L'Erma» di Bretschneider, 1983, pp. 83-85.

Lorber, Catharine C., «Large Ptolemaic Bronzes in Third-Century Egyptian Hoards» in *The American Journal of Numismatics* 12 (2000), pp. 67-92.

Meiggs, R., *Athenien Empire*. Oxford, Oxford University Press, 1972.

Mørkholm, Otto; Grierson, Philip; Westermark, Ulla, *Early Hellenistic coinage: from the accession of Alexander to the Peace of Apamea (336-188 B.C.)*, Cambridge, Cambridge University Press, 1991.

Mørkholm, Otto, «The ptolemaic coinage in Phoenicia and the fifth war with Syria» in E. Van't Dack, P. van Dessel, W. van Gucht (ed.), *Egypt and the Hellenistic W orld. Proceedings of the International Colloquium. Leuven. 24-26 May 1982*, Lovanii, 1983, pp. 241-251.

Picard, Olivier, «Problèmes de numismatique alexandrine» in *Alessandria e il mondo ellenistico-romano. Studi in onore di Achille Adriani*, Roma, «L'Erma» di Bretschneider, 1983.

_____, «Remarques sur la monnaie de bronze dans l'Egypte lagide» in Jean-Yves Empereur (ed.), *Commerce et artisanat dans l'Alexandrie hellénistique et romaine. Actes du colloque d'Athènes. 11-12 decembre 1988*, Athènes, École française d'Athènes, 1998, pp. 409-417.

_____, «L'économie lagide et le monnayage alexandrin» in *La gloire d'Alexandrie*, Paris, Paris-Musées, 1998, pp. 216-221.

Plant, Richard, *Greek coin types and their identification*, London, Seaby, 1979.

Préaux, Claire, *L'économie royale des Lagides*, Bruxelles, Édition de la Fondation Égyptologique Reine Élisabeth, 1939.

Rebuffat, François, *La monnaie dans l'Antiquité*, Paris, Picard, 1996.

Rone, Yigal «The Weight Standards of the Judean Coinage in the Late Persian and Early Ptolemaic Period» in *Near Eastern Archaeology, Vol. 61, No. 2*, 1998, pp. 122-126.

Sales, José das Candeias, «As campanhas de Alexandre Magno e a definição de uma (nova) identidade político-cultural no final do séc. IV a.C.» in *Discursos. Língua, Cultura e Sociedade*, III Série, n.º 1, Regiões/ Identidade, Lisboa, Universidade Aberta, 1999, pp. 57-90.

_____, «Les monnaies de l'époque ptolémaïque au Portugal» in Zahi A. Hawass, Lyla Pinch Brock (eds.), *Egyptology at the Dawn of the 21st Century. Proceedings of the Eighth International Congress of Egyptologists, Cairo, 2000*, Vol. 2, *History and Religion*, Cairo, The American University in Cairo Press, 2002, pp. 160-167.

_____, *Ideologia e propaganda real no Egipto Ptolomaico (305-30 a.C.)*, Lisboa, Calouste Gulbenkian, 2005.

_____, *Estudos de Egiptologia. Temáticas e Problemáticas*, Lisboa, Livros Horizonte, 2007.

_____, *Poder e Iconografia no antigo Egipto*, Lisboa, Livros Horizonte, 2008.

_____, «Acuñación monetaria en Egipto» in BAEDE — Boletín de la Asociación Española de Egiptología, N.º 19, 2010, pp. 35-48.

_____, «La monnaie des Ptolémées – Les séries de Ptolémée I» in *Res Antiquitatis — Journal of Ancient History*, Volume 2, Lisboa, Centro de História Além-Mar (CHAM) da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2011, pp. 133-147.

Samuel, Alan Edouard, *The shifting sands of History: Interpretations of Ptolemaic Egypt*, New York/ London, 1989.

Sear, David R., *Greek coins and their values. Vol II. Asia and North Africa*, Londres, B.T. Batsford Lda., 1979.

Svoronos, Ioannes N., *Ta nomismata tou kratous tôn ptolemaión*, Atenas, 1904.

Troxell, Hyla A., *Studies in the Macedonian coinage of Alexander the Great*, New York, American Numismatic Society, 1997.

van Alfen, Peter G., «The "owls" from the 1989 Syria hoard, with a review of pre-Macedonian coinage in Egypt » in *American Journal of Numismatics* 14, 2002, 1-57; pl. 1-12.

von Reden, Sitta, «Money and coinage in ptolemaic Egypt some preliminary remarks» in *Akten des 21. Internationalen Papyrologenkongresses, Berlin 1995. Archiv für Papyrusforschung, Beiheft 3*, Leipzig/ Stuttart, B. G. Tenbner, 1997, pp. 1003-1008.

_____, «Money, Law and Exchange: Coinage in the Greek Polis» in *The Journal of Hellenic Studies*, Vol. 117, 1997, pp. 154-176.

_____, «The politics of monetization in Third-century BC Egypt» in Andrew Meadows, Kirsty Shipton (éds), *Money and its uses in the ancient Greek world*, Oxford, 2001, p. 65-76.

_____, *Money in Ptolemaic Egypt: form the Macedonian conquest to the end of the third century B.C.*, Cambridge, Cambridge University Press, 2007.